

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS (ÁREA DE ANTROPOLOGIA)
CAIXA POSTAL 8105
01000 — SÃO PAULO, BRASIL

GREG URBAN

NIL DO MACUCO (...-1983)

SÃO PAULO

1984/1985

SEPARATA DOS VOLUMES XXVII/XXVIII.

REVISTA DE ANTROPOLOGIA

IN MEMORIAM

NIL DO MACUCO .

... — 1983

A mort: de Nil Pènpèl, afetivamente conhecido como Nil do Macuco, ocorrido a 10 de julho de 1983, deixa um grande vazio nas comunidades indígenas do Brasil.

Nil era o principal suporte da cultura tradicional dos índios Xokleng, de Santa Catarina. Nascido provavelmente no início da década de 90 do século passado, Nil estava presente quando do primeiro contacto pacífico entre seu povo e os "homens brancos", em 1914. Era filho de Kuzug Gakrã, o líder visionário do bando La-klanõ, que guiou seu povo nos dias traumáticos do contacto inicial.

Nil do Macuco recebeu este apelido, conforme relato dele próprio e de outros, porque nos primeiros dias do contacto, ele deu um pássaro — macuco — a Kà-wân, uma índia Kaingang, ao que consta muito bonita, que veio do Paraná para ajudar os brasileiros em seus esforços para "pacificar" os Xokleng.

Nil permaneceu por mais de 60 anos com sua primeira esposa, Wänkome, falecida alguns anos atrás. Atualmente, seus filhos formam um grupo importante na comunidade Xokleng.

Nestes quase 70 anos, que se passaram desde o contacto inicial, os Xokleng sofreram enormes pressões dos colonizadores brasileiros, que agora ocupam a maior parte de seu território tradicional de caça. Missionários religiosos encheram suas cabeças com novas idéias, uma estrada atravessa sua Reserva, trazendo consigo um sem número de mascates e doenças; grande parte das crianças já não

quer aprender os costumes tradicionais. Durante todo este período traumático houve um ponto de referência estável, uma âncora no passado neste mar de mudanças. Esta âncora foi Nil do Macuco.

Durante todos estes anos Nil nunca aprendeu o português e suspeita-se de que ele se recusava a isto. A língua Xokleng representava para ele um símbolo de sua identidade. Quando eu finalmente consegui conversar fluentemente em Xokleng, reconheci quão vasto era seu conhecimento. Em 1981-1982 ele era o único Xokleng vivo capaz de se lembrar *verbatim* de todo o mito de origem e, na medida em que eu caminhava com ele pelas florestas, pude perceber que aquele mito estava vivo nele, informando a sua visão e a sua compreensão do mundo; percebi que o mito fazia com que o caos da mudança se tornasse propositado, parte do processo compreensível da vida.

Em 1982 fui convidado a dar uma conferência sobre os Xokleng numa universidade de Blumenau, em Santa Catarina. Solicitei que Nil estivesse presente e, enquanto eu falava, para uma audiência vestida muito formalmente, lá estava Nil, pés descalços, vestido com umas roupas velhas que eu havia lhe trazido de São Paulo. Anos atrás, ele saqueara as casas dos primeiros colonizadores de Blumenau. Agora, lá estava ele, no mesmo local, a encarnação viva da continuidade da época. Após cantar uma música tradicional, que foi calorosamente aplaudida, Nil virou-se para mim e disse: "Diga-lhes que nós precisamos de cobertores, roupas. O inverno está se aproximando e vai ser bem frio. Faça isto pelo meu povo". Atendendo a seu pedido sessenta cobertores e inúmeros sacos de roupas foram enviados à Reserva.

Nil do Macuco está morto, e com ele, morre uma parte significativa da cultura Xokleng tradicional. Os Xokleng que eu conheço nunca foram particularmente sentimentais, sempre olhando, não esperançosos com relação ao futuro, mas incansavelmente tentando encontrar algo novo. Para citar o mito de origem, nós caminhamos "confrontando nosso destino". Agora, para grande pesar de todos nós, os Xokleng terão que confrontar seu destino sem Nil.

Greg Urban

Universtiy of Texas at Austin

(tradução de Sylvia Caiuby Novaes, Depto. de Ciências Sociais, USP.)